

FATORES QUE GERAM A NÃO PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Janaina Vargas Nascimento; Bianca Martins; André da Silva Mello; Rodrigo Naves Lucas¹

¹Núcleo de Formação/ UVV

RESUMO

Pesquisa descritiva, de caráter exploratório, que investigou os motivos da não participação dos alunos nas aulas de Educação Física Escolar. Entrevistamos alunos e professores das escolas públicas e privadas de Laranjeiras/ES. Os dados revelam que a falta de afinidade com os conteúdos e com a disciplina, a falta de habilidade para a prática esportiva, a falta de planejamento e de atenção dos professores, são os principais motivos de não participação nas aulas de Educação Física nos contextos investigados. A partir das sugestões dos alunos que não participam das aulas, são propostos encaminhamentos para integrar todos alunos à Educação Física.

Palavras chave: Educação física escolar, participação, planejamento.

INTRODUÇÃO

A não participação nas aulas de Educação Física é um fato recorrente, que, em muitos casos, ocorre com a conivência dos professores. Os “atestados médicos” e dispensas de outras naturezas são medidas que os alunos utilizam para não participarem das aulas de Educação Física. Acreditamos que a relação dos alunos com a disciplina Educação Física se difere da relação que eles estabelecem com as demais disciplinas do currículo, devido à especificidade do objeto de estudo dessa disciplina.

A especificidade do objeto da Educação Física, que está relacionada ao corpo e ao movimento humano, contribui para que ela seja desvalorizada no contexto escolar. Prevalece na escola a visão cognitivista, voltada para o desenvolvimento intelectual do aluno. Nesse contexto, o corpo e o movimento são considerados elementos secundários, que precisam ser domesticados para não se tornarem empecilhos no desenvolvimento da razão (BRACHT, 2005). Muitos alunos, professores e pais possuem a representação de que a função da Educação Física na escola é apenas a de “válvula de escape”, de compensar com atividades físicas e esportivas o estresse advindo das disciplinas consideradas importantes.

O artigo busca compreender os fatores que geram a não participação dos alunos nas aulas de Educação Física nas escolas da rede pública e da rede particular de Laranjeiras/ES. Para tanto, recorreremos à pesquisa descritiva. Para Thomas e Nelson (2002), a pesquisa descritiva procura determinar as práticas presentes (ou opiniões) presentes em uma comunidade particular. A entrevista é o principal instrumento para coleta de dados nesse método de pesquisa. Neste estudo, investigamos 4 escolas de ensino fundamental do bairro de Laranjeiras, na Serra, amostra que corresponde a 90% da população total das escolas. Entrevistamos 7 professores e 12 alunos. Optamos pelos alunos das séries finais do ensino fundamental (7^a e 8^a séries), pois são nessas séries que há maiores índices de não participação nas aulas de Educação Física. Foram entrevistados os alunos que, por algum motivo, não estavam participando da aula de Educação Física durante a coleta de dados. Os dados coletados foram categorizados em quadro analítico e interpretados por meio da Análise do Conteúdo (FRANCO, 2004). A natureza da análise foi interpretativa, em que não pretendemos atribuir a verdade absoluta na compreensão dos dados, mas, ancorados pelas referências bibliográficas da área, atribuir sentido às falas dos entrevistados.

A NÃO PARTICIPAÇÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: O QUE A BIBLIOGRAFIA DIZ?

A Educação Física vem passando por diversas modificações em relação a sua inserção no contexto escolar, desde a obrigatoriedade até a facultatividade. Apesar de ser um componente curricular, a Educação Física é uma disciplina em que nem todos os alunos cursam. Muitas vezes, amparados pela lei, alunos trabalhadores, que têm filhos, dentre outros motivos, podem optar em não participar das aulas de Educação Física. Para Medeiros, Bandeira e Guimarães (2005), é a partir dessas dispensas asseguradas pela lei, que acontece a legitimação da não participação. Costa (2004), nos lembra que essas dispensas são facultativas, o que significa que os alunos nas condições anteriormente citadas e que queiram participar das aulas de Educação Física, têm esse direito.

Dentre os fatores que concorrem para não participação dos alunos nas aulas de Educação Física, Vaz e Fagundes (2005) destacam as questões de gênero. Para esses autores, há uma distinção entre os conteúdos destinados aos meninos e os conteúdos destinados às meninas. Dessa forma, quando nas aulas de Educação Física são trabalhados os conteúdos tradicionalmente considerados masculinos, como o futebol, há um grande índice de não participação feminina, e quando são trabalhados os conteúdos culturalmente considerados femininos, como a dança, o índice de participação masculina é baixo. Os padrões culturais influenciam na ação pedagógica do professor, resultando na distinção entre os conteúdos adequados para meninos daqueles adequados às meninas. Ao tratarmos as questões de gênero na escola, não podemos desconsiderar as diferenças biológicas entre homens e mulheres, mas é preciso identificar essa diferença como construção simbólica, culturalmente determinada. Sendo assim, para os meninos não são trabalhadas vivências que dizem respeito à expressão, como danças, que preferencialmente são direcionadas para as meninas e, em sentido contrário, as meninas são privadas de atividades que trabalhem o contato corporal mais intenso, sob alegação de que elas são frágeis e delicadas (VAZ e FAGUNDES, 2005). Se a distinção entre meninos e meninas parte do próprio professor, os alunos dificilmente terão autonomia para promover as mudanças necessárias que favoreça a participação de todos nas aulas de Educação Física. De acordo com Jesus e Devidé (2004, p.322) “Se os corpos de meninos e meninas estão juntos nas salas de aula, também podem estar juntos na quadra”.

A questão da não participação não se dá somente por questões de gênero, mas também por questões associadas às habilidades esportivas. Por serem consideradas mais fracas ou menos habilidosas muitas meninas deixam de participar das aulas de Educação Física. Contudo, esse problema não afeta apenas as meninas, os meninos considerados fracos tecnicamente também são rejeitados, gerando a inibição para que os mesmos participem das aulas. A partir de um modelo tecnicista de Educação Física, que valoriza somente a performance e o rendimento, os menos habilidosos e aptos às práticas esportivas, gradativamente, se autoexcluem das aulas.

Para a participação maciça dos alunos nas aulas de Educação Física, Raphael (2005) ressalta a importância da motivação. Para esse autor, é necessário que o professor subjetive o processo de ensino-aprendizagem, aproximando à abordagem dos conteúdos de acordo com as expectativas, interesses e necessidades dos alunos.

Este estudo tem como foco os alunos das séries finais do Ensino Fundamental (5 à 8 série). Nesse período, ocorrem diversas transformações nos corpos e mentes dos adolescentes, que muitas vezes podem gerar a inibição para a prática de atividades físicas. A vergonha de exposição do corpo, associada à vergonha de “pagar mico” perante o grupo, são fatores que influenciam e inibem a prática de atividades físicas e esportivas (RAPHAEL, 2005). Esse é um fator que pode ajudar a explicar diversos tipos de comportamento, como o desinteresse pela prática de modalidades esportiva para uns, e para outros possíveis atrasos no desenvolvimento motor.

Segundo Raphael (2005), dentre os fatores que podem ajudar na construção de aulas que sejam estimulantes e prazerosas para os alunos, estão uma boa infra-estrutura física, qualidade profissional e procedimentos didático-metodológicos adequados. Nesse contexto, o professor é um dos principais responsáveis para motivação dos alunos. É necessário que ele crie meios para que seus alunos se sintam interessados pela sua aula, favorecendo um ambiente agradável e estimulante para poder atender as diferenças de interesse que existem entre os alunos.

É possível perceber que o valor que é atribuído à Educação Física por parte dos alunos vai muito além de elementos formais, como nota, prova ou até mesmo a reprovação. Os motivos que geram o interesse e a adesão às aulas de Educação Física estão relacionados ao prazer e a autorrealização que as atividades físicas e esportivas são capazes de proporcionar.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção analisaremos os dados obtidos por meio de entrevista estruturada e que foram agrupados em categorias sociais retardadas, na acepção de Thiollent (1987). O retardamento no processo de categorização dos dados visou diminuir o risco de indução do pesquisador no processo de interpretação, como ocorre em situações em que as categorias são determinadas antecipadamente. No modelo aqui adotado, as categorias só foram definidas após leitura preliminar do material coletado.

Utilizamos quadro analítico que constam as categorias sociais definidas, o número do informante e fragmentos das falas que caracterizam as categorias definidas. Os quadros apresentam as visões dos alunos e dos professores das escolas investigadas em relação aos motivos de não participação nas aulas de Educação Física. Apresentamos primeiro o quadro dos alunos e depois o quadro dos professores. Para definição dos alunos entrevistados, optamos pelos alunos que não estavam participando da aula no momento da coleta dos dados. Em relação à definição dos professores, escolhemos aqueles em que alguns alunos não estavam participando de sua aula. Após apresentação de cada quadro procedemos à análise do material com base nas referenciais bibliográficos pesquisados.

Quadro 1: Motivos da não participação dos alunos nas aulas de Educação Física
Questão geradora: Porque você não está participando da aula de Educação Física?

Categoria	Informante	Fala
Falta de afinidade com o conteúdo trabalhado	01	“... porque eu não gosto de basquete, mas antes quando era vôlei eu sempre participava”
	03	“Porque não gosto de basquete...”.
	07	“... A por preguiça, e também porque eu não gosto dessa modalidade que é o handebol...”.
	12	“... porque hoje ta tendo dança e eu não gosto de dançar eu não quis participar”.
Falta de afinidade com a disciplina	05	“Bom eu não gosto de Educação Física...”.
	11	“Não gosto muito da aula de Educação Física”.
A falta de roupa apropriada	08	“Porque eu estou de calça, e não pode fazer aulas de Educação Física de calça.”.
	09	“... estou de calça jeans, e o professor não deixa fazer as aulas de Educação Física de calça”.
Preguiça	02	“Porque hoje estou com preguiça...”.
	07	“Por preguiça...”.
Falta de habilidade	05	“Eu não estou participando porque os meus principais colegas não tocam a bola pra mim entendeu? Eles também acham que eu sou fraca...”.

A primeira categoria que identificamos a partir das falas dos alunos sobre os motivos de não adesão às aulas de Educação Física, foi a *falta de afinidade com o conteúdo trabalhado*. Cinco dos doze informantes (entrevistados 1, 3, 7 e 12) alegaram que não participam ou não estavam participando das aulas no momento da entrevista, pois não gostavam da modalidade esportiva que estava sendo desenvolvida. Sabemos que as turmas escolares são heterogêneas em relação aos interesses pelas diferentes modalidades esportivas, e que é difícil conciliar todos os interesses. Contudo, Hildebrandt e Laging (1986) nos indicam que os conteúdos das aulas de Educação Física podem e devem ser questionados quanto a sua imutabilidade, podendo ser alterados quando não correspondem mais aos interesses e necessidades dos alunos. Em muitos casos os conteúdos são determinados pelo professor, não havendo consulta sobre a relevância dos mesmos para os alunos. Nesses casos, a possibilidades de resistência por parte dos alunos ao que se está sendo trabalhado aumenta consideravelmente.

Outra categoria que surgiu na fala dos alunos sobre os motivo de não adesão às aulas de Educação Física foi à *falta de afinidade com a disciplina de Educação Física* (entrevistados 5 e 11). A falta de afinidade com a disciplina pode ser decorrente de vários fatores, dentre eles destacamos experiências anteriores negativas com as atividades físicas e esportivas, falta de oportunidade para a prática, vergonha, entre outros motivos. Porém, concordamos com Soares (1996) quando afirma que o gosto não é natural, mas sim aprendido e desenvolvido. Para a autora “gosta-se, em princípio, do que se conhece, rejeita-se, em princípio, o desconhecido, o difícil, o elaborado” (p.). Essa autora afirma que na Educação Física é preciso o desafio, e que não se desafia a inteligência do aluno com o pronto atendimento do ele quer ou conhece. É preciso desafiar a resistência dos alunos que não possuem afinidade com a disciplina, oferecendo-lhes diferentes alternativas para a prática de atividades físicas e esportivas. Como nos indica Charlot (2000), todo saber é uma relação com o saber. E os saberes podem se manifestar em diferentes dimensões. Pode ser um saber intelectual, como aprender conceitos sobre o impacto das atividades físicas sobre o organismo; pode ser um saber procedimental, como aprender a fazer uma bandeja no basquete; ou pode ser um saber relacional, como fazer amigos e aprender a conviver por meio das atividades esportivas. Independentemente da forma de saber, Charlot nos chama atenção que o importante é valorizar as relações que os sujeitos estabelecem com o saber. Assim, consideramos fundamental que os alunos que não têm afinidade com a disciplina sejam consultados sobre a forma que eles gostariam de se relacionar com as atividades físicas e esportivas.

A terceira categoria identificada sobre os motivos de não adesão às aulas de Educação Física foi à *falta de habilidade* para a prática das atividades esportivas. Essa categoria foi identificada na fala da informante número cinco. Quando a ênfase da aula recai sobre a performance, os menos habilidosos se sentem excluídos. A vergonha em errar, a cobrança dos colegas e do professor, são alguns motivos que afastam os alunos menos habilidosos das aulas de Educação Física. Um fato que nos chamou atenção é de que a fala é de uma aluna. No artigo intitulado “*A construção cultural do corpo feminino ou o risco de transformar meninas em antas*”, o professor Jocimar Daolio (1996) denuncia o papel que historicamente a Educação Física vem desempenhando no sentido de reforçar as diferenças na execução das habilidades motoras entre meninos e meninas. Ao naturalizar essas diferenças, alegando que as mesmas são decorrentes exclusivamente de fatores genéticos típicos de cada sexo, muitos professores de Educação Física contribuem para manutenção de esteriótipos culturalmente estabelecidos. Não estamos negando as diferenças biológicas entre meninos e meninas, mas somente usá-las para justificar as diferenças de habilidades motoras entre os sexos, é uma abordagem reducionista para compreender o fenômeno em questão. Entendemos que a análise cultural, que considere os condicionantes sociais que influenciam no baixo nível de habilidade motoras das meninas, é fundamental para superar esse problema. Como afirma Daolio (1996, p.88):

Se a biologia diz que os homens são semelhantes apesar de suas diferenças, a antropologia afirma que os homens são diferentes apesar de suas semelhanças. A Educação Física poderia se valer de alguns conceitos da antropologia para resolver sua dificuldade histórica em lidar com as diferenças em suas aulas.

As outras duas categorias identificadas, *falta de roupa inadequada e preguiça*, demonstram o comprometimento dos informantes 2, 7, 8, e 9 com a disciplina de Educação Física. O lugar que a mesma ocupa no currículo escolar, a renega a um segundo plano. O fato de historicamente a escola priorizar os saberes intelectuais faz com que as atividades físicas e esportivas sejam vistas com desprezo por alguns alunos, como também pelo próprio corpo docente da escola e pais. Desta forma, muitos alunos menosprezam as aulas de Educação Física com justificativas evasivas e irônicas. Tal atitude dos alunos gera situações constrangedoras, principalmente em relação ao professor de Educação Física que se vê imobilizado, pois, muitas vezes, não encontra apoio da direção da escola para tomar medidas visando à superação desse problema. Situação diferente percebida nas disciplinas ditas “importantes”, em que o professor encontra respaldo para agir contra esse tipo de atitude.

Quadro 2: Motivos da não participação dos alunos na visão dos professores

Questão geradora: Você sabe os motivos que geram a não participação de alguns de seus alunos nas aulas de Educação Física?

Categoria	Informante	Fala
Falta de Habilidade	1	<i>“Alguns alunos se sentem desestimulados, pois parte dos colegas o recriminam por não saber jogar”.</i>
	2	<i>“Muitas vezes elas não querem fazer porque não sabem jogar, não sabem as regras...”. (Gênero/ Jocimar Daolio)-análise</i>
Afinidade com o Conteúdo	1	<i>“... às vezes elas gostam de uns [esportes] e não gostam de outros”.</i>
	5	<i>“Primeiro lugar o conteúdo da Educação Física tem que ser elaborado com participação dos alunos abrangendo áreas de interesses deles”</i>
Falta de planejamento	4	<i>“... Falta um planejamento com relação a aula...a repetitividade da coisa, todo o dia a mesma coisa, o mesmo aprendizado, acaba desmotivando”.</i>
Desmotivação	6	<i>“... a desmotivação... É a forma que é desenvolvida a aula, aí entra fatores afetivos, entra fatores até sociais, ou até atitudinais...”.</i>
Competência do professor	7	<i>“... a didática do professor, a criatividade do professor, a relação professor x aluno...”.</i>

Sobres os motivos de não adesão às aulas de Educação Física, encontramos duas categorias nas falas dos professores que reforçam a visão apresentada pelos alunos: *falta de habilidade e afinidade com o conteúdo*. Contudo, acreditamos que os professores enquanto agentes mediadores do conhecimento podem, a partir da constatação dessas categorias, manipular algumas variáveis da aula para que todos alunos participem. Uma delas é diminuir a ênfase em suas aulas de aspectos competitivos, que exijam a performance dos alunos, colocando em situações constrangedora os menos habilidosos. Não estamos propondo excluir as competições das aulas, porém torná-la mais amena, no sentido de não expor aqueles alunos que não possuem muitas habilidades esportivas. Outra iniciativa, que busque afinar os conteúdos trabalhados com os interesses dos alunos, é buscar nas aulas um agir comunicativo em que os alunos possam expressar suas subjetividades em relações aos conteúdos a serem trabalhados (HIDELBRANDT E LAGING, 1986).

Outra categoria encontrada na fala dos professores sobre os motivos de não adesão à Educação Física está relacionada à *falta de planejamentos das aulas*. De fato percebemos que muitas aulas de Educação Física são conduzidas sem um planejamento prévio, a partir do famoso “rola bola”. Ao longo dos ciclos de escolarização, essa atitude por parte do professor, acaba gerando desinteresse do aluno pelas aulas, pois esses não vêem novidades, são sempre as

mesmas práticas. Dentro da análise da falta de planejamento, podemos incluir a categoria *desmotivação*, apontada pelo informante 6. Além das questões associadas ao interesse, a falta de planejamento acarreta a falta de objetividade das ações do professor. Como ressalta Soares *et al* (1992), toda ação pedagógica precisa ser teleológica, no sentido de saber onde se quer chegar, o que se torna impossível sem um planejamento prévio.

O informante 3 afirma que o desinteresse pelas aulas de Educação Física é decorrente da idade. Esse professor ministra aulas para adolescentes e afirma que nessa faixa etária, os focos de interesses são outros. Atribui que a não adesão às aulas de Educação Física é decorrente de motivos intrínsecos à idade. De fato, a adolescência representa um momento de transição na vida das pessoas, em que as mudanças são bastante significativas. Contudo, entendemos que o professor precisa estar atento a essas mudanças e buscar estratégias de ação que contemple as características, interesses e necessidades típicas dessa nova fase da vida. Em muitos casos, o desinteresse está relacionado à incompatibilidade entre o que o professor propõe e aquilo que desperta o interesse dos adolescentes. A Educação Física é compreendida por muitos professores somente a partir das modalidades tradicionais, como o futebol, o basquete, o handebol e o vôlei. Trabalhar com manifestações corporais, típicas da cultura adolescente, talvez poderia despertar o interesse desse grupo para a Educação Física. Dentre essas manifestações, podemos destacar os esportes radicais, as lutas, danças que despertem interesse dessa faixa etária, como o rap, entre outras.

Uma outra categoria detectada na fala do informante 7, que gera a não participação nas aulas de Educação Física é a *competência do professor*. Esse professor alega que a criatividade, a relação do professor com os alunos e a didática são competências fundamentais para manter a adesão dos alunos nas aulas de Educação Física. O que nos chamou atenção nessa fala é que, assim como o informante número 4, os motivos de não adesão recaem sobre o professor, enquanto os outros informantes atribuíram aos alunos os motivos de não participação nas aulas de Educação Física.

Ao compararmos os motivos de não participação nas aulas de Educação Física atribuídos pelos alunos e pelos professores, encontramos algumas categorias em comum aos dois segmentos. A falta de afinidade com os conteúdos e a falta de habilidade para a prática de atividades esportivas, são motivos ressaltados pelos dois grupos. Em relação à falta de afinidade, sugerimos que os professores adotem uma postura aberta em relação à escolha dos conteúdos, que se materializa por meio de um processo de co-decisão com os alunos. Dessa forma, os professores deveriam ampliar os canais de comunicação para que os alunos tenham possibilidade de manifestar seus interesses e expectativas em relação aos conteúdos a serem trabalhados. Sabemos que em uma turma heterogênea podem surgir diferentes interesses, mas, como sugere Habermas (2002), esses diferentes interesses podem ser contemplados a partir de um consenso fundado entre alunos e professores, em que há negociações entre os atores sociais envolvidos para que as necessidades de todos sejam atendidas. Em relação à falta de habilidade para a prática esportiva, sugerimos que os professores ofereçam oportunidades de aprendizado igual a todos os alunos e não privilegie apenas os mais aptos. Em uma mesma turma, há possibilidade de trabalhar as práticas esportivas em diferentes níveis, respeitando o ritmo de aprendizagem individual de cada aluno. O problema de dispersão ocorre quando o professor estabelece um único parâmetro de performance para alunos com experiências e capacidades diferenciadas. Aqueles que não conseguem se adaptar às exigências, se sentem desestimulados a participar das aulas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A não participação nas aulas de Educação Física possui motivações gerais e motivações específicas. Em relação às motivações gerais, a desvalorização dos aspectos corporais no contexto escolar, que privilegia somente o desenvolvimento intelectual do aluno, torna a Educação Física uma disciplina secundária, com a função apenas de compensar, por meio de atividades físicas e desportivas, o desgaste advindo das disciplinas consideradas importantes. Essa visão é reforçada pela comunidade escolar (professores, pais, alunos, direção) que admite, sem muitos questionamentos, os alunos que não participam das aulas.

Em relação aos aspectos específicos para a não participação das aulas, os principais motivos identificados pelos entrevistados deste estudo foram a falta de afinidade com a disciplina e os conteúdos trabalhados, a falta de habilidade para prática de atividades esportivas, a falta de planejamento por parte dos professores e a falta de motivação para participar das aulas. Muitos dos motivos apresentados podem ser superados a partir da mudança de atitudes dos professores de Educação Física. Considerar os interesses dos alunos em relação aos conteúdos abordados, direcionar atenção aos menos habilidosos e variar as estratégias de ensino, são algumas alternativas apresentadas pelos alunos para promover a participação nas aulas de Educação Física. Dessa forma, torna-se necessário que os professores de Educação Física dos contextos investigados renunciem o monopólio do planejamento de suas aulas, oferecendo canais de participação para que os alunos possam se manifestar, permitindo, assim, aproximar os objetivos educacionais dos interesses dos alunos. Aulas dialogadas, em que os alunos se tornam co-construtores dos processos pedagógicos, são alternativas para aproximar as intervenções dos professores aos interesses dos alunos.

A Educação Física no contexto escolar é legalizada, contudo não é legitimada. Para que essa disciplina ocupe lugar de destaque no currículo escolar, contribuindo para o desenvolvimento dos alunos, é preciso que haja mudanças. Essas mudanças estão relacionadas, principalmente, à práxis pedagógica dos professores. Garantir a participação de todos os alunos nas aulas é um aspecto imprescindível para valorização da Educação Física. As mudanças precisam vir de dentro para fora, ou seja, é necessário que os professores transformem suas práticas, para que a sociedade mude as representações que possui em relação à Educação Física. Alterar práticas que estão cristalizadas é um processo difícil, porém importante para o reconhecimento dessa disciplina como componente curricular que tem algo a ensinar.

REFERÊNCIAS

- CHARLOT, B. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria.** Trad. Bruno Magne. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física.** SP: Cortez, 1992.
- COSTA, G. C. A cultura da isenção das aulas de educação física escolar no Brasil: “novas” tendências de “velhas” ideias. In: ENCONTRO FLUMINESE DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, 8., 2004, Niterói. **Cultura e educação física escolar.** Niterói: Departamento de Educação Física e Desportos, Universidade Federal Fluminense, 2004. 439p.
- DAOLIO, J. **Cultura: Educação física e futebol.** Campinas: Editorial da Unicamp, 1997.
- FAGUNDES, I. A.; VAZ, A. C. **Educação física e patriarcado: um desafio para uma educação democrática.** CD XIV Combrace: Porto Alegre: 2005 p. 7.
- FRANCO, Á. L. P. B. **Análise do conteúdo.** Brasília: Plano Editora, 2003, p. 72.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- HABERMAS, J. **O discurso filosófico da modernidade.** Tradução de Luiz s. Repa e Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2002 [1987].
- HILDEBRANDT, R.; LAGING, R. **Concepções abertas no ensino da educação física.** Rio de Janeiro: ao Livro Técnico, 1986.
- JESUS, M. L.; DEVIDE, F. P. **Representações de discentes sobre as aulas mistas e separadas por sexo na educação física escolar.** Campinas: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2001.
- MEDEIROS, M., et al. **A educação física no limite da exclusão.** Problemática da educação física escolar. Faculdade de Educação Física da UFG. Disponível em: <http://www.ufg.gov.br/edfísica/texto/hpg>. Acesso em 16 mai 2006.
- RAPHAEL, M. L. Adesão de alunos de 5 a 8 série do ensino fundamental as aulas de educação física. **Anais XIV Combrace – Porto Alegre-2005.p.7.**

SOARES, C. L. **Educação física escolar.** : conhecimento e especificidade. Revista Paulista de Educação Física. São Paulo: Supl. 2. p. 6-12, 1996.

SOUSA, E. S. de; ALTMANN, H. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações da educação física escolar. **Cad. CEDES**, ago. 1999, vol. 19, no. 48, p. 52-68. ISSN 0101-3262

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K. **Métodos da pesquisa em atividade física.** Trad. Ricardo Petersem, et al. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.